



A PACIFICADORA

Ela atacou novamente a desordem ali no Jardim Santo André.

Imbuída de palavras suaves, porém duras, de uma força extraordinária no interior de seu pequeno corpo, impediu um assassinato de um homem muito mais velho por um outro bem mais novo, onde com palavras malditas se atacavam para o início de uma guerra de luta, tapas e chutes.

Chutes de um acusando o outro.

De um tentando gritar mais forte que o outro.

De risco do facão no chão a mulher idosa, fruto das discussões, assistia com as mãos tapando o rosto, numa cadeira de fios e sentindo que a cada minuto mais e mais subia sua diabetes.

A pacificadora agarrando um e expulsando o outro deu um basta naquela discussão inútil e infantil, mesmo ouvindo desaforos de outro integrante de última hora, que ainda não havia se pronunciado, manteve a calma e a firmeza.

Colocou cada um no seu lugar e deu as costas a todos.

A pacificadora atacou novamente, realizou sua tarefa e deixou todos calados.

Chegou em casa tomou um banho e descansou merecidamente.

Walter Veroneze

07.11.2024